JORNAL DE BRASÍLIA 14 DEZ 2001

Cai o desemprego no Distrito Federal

DF - Desemprego

CONTRATAÇÕES, PRINCIPALMENTE NO SETOR PÚBLICO, FAZEM COM QUE A TAXA FIQUE, ENFIM, ABAIXO DOS 20%

Maria Eugênia

A taxa de desemprego no Distrito Federal caiu para 19,6% em outubro, contra os 20,4% registrados no mês anterior. Isso quer dizer que da População Economicamente Ativa, que é hoje de 926,3 mil pessoas, estão desempregadas 181,7 mil. E o setor público, com a geração de 5,5 mil novas vagas, foi o maior empregador no mês, evitando que a taxa ficasse num patamar superior aos 20%, já que no setor privado foram eliminados 2,7 mil postos de trabalho.

Maria das Graças Silva, 26 anos, foi uma das pessoas beneficiadas pela oferta de emprego no setor público. Ela estava desempregada há oito meses e dividia seu tempo livre entre procurar um novo emprego e estudar para um concurso da Secretaria de Saúde. E deu certo. Ela foi aprovada e já está contratada.

Segundo o secretário de Trabalho, Daniel Marques, das 5,5 mil vagas oferecidas pelo setor público, 4,8 mil são do GDF e as restantes do governo federal. Além da área de saúde, os setores de educação e segurança foram os maiores empregadores públicos. Dessas vagas, duas mil contratações são pelo regime estatutário, e 3,5 mil pela CLT.

Na iniciativa privada, o setor de serviços foi o que mais demitiu, fechando 4,3 mil postos de trabalho, seguido da indústria da transformação, que demitiu 400 trabalhadores. O comércio, por sua vez, gerou 3,4 mil postos e a construção civil, 1,3 mil.

A queda no desemprego, entretanto, tem outras explicações além da simples abertura ou fechamento de postos de trabalho. De acordo com a coordenadora da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), Maria da Graça Ohana, 3.200 brasilienses deixaram o mercado de trabalho.

Ou seja, se aposentaram, cansaram de procurar emprego (o tempo médio dispendido na procura de trabalho no DF é de 63 semanas) ou simplesmente deixaram de trabalhar. E, para felicidade geral da Nação, nessa última situação está a maioria das pessoas.

São, geralmente, jovens com idade entre 10 e 16 anos que tiveram que trabalhar para ajudar no sustento da casa. "Isso quer dizer que seus pais arrumaram emprego ou tiveram aumento salarial suficiente para que os filhos pudessem deixar de trabalhar e, por exemplo, voltar ao estudo", explica Maria da Graça.

RENATO ALVES

GRAÇA OHANA: mão-de-obra precisa se qualificar mais

Quem faz o que

Posição na ocupação	Nº de pessoas outubro /2001
Setor privado	293,4 mil
• com carteira	229,8 mil
• sem carteira	63,6 mil
Setor público	215,4 mil
• estatutário	162,5 mil
• não estatutário	52,9 mil
Emprego doméstico	77,1 mil
Conta-própria	93,7 mil
Outros (*)	65,0 mil

(*) Empregadores, autônomos, trabalhadores familiares, funcionários de organismos internacionais

Fonte: DIEESE — EDITORIA DE ARTE

Construção faz cortes

A Pesquisa de Emprego e Desemprego traz revelações interessantes e preocupantes. Analisando o período entre outubro/2000 e outubro/2001, o Dieese descobriu que a construção civil está empregando 20,1% menos. Eram 33,9 mil trabalhadores no ano passado, contra 27,1 mil este ano.

O dado assusta porque esse setor é o que mais emprega pessoal não qualificado, com baixa escolaridade. Outro setor que emprega pessoal não-qualificado, o do emprego doméstico, também registrou queda de 3,7% no mesmo período. "Isso mostra que as pessoas têm de se qualificar melhor para buscar vagas em outros setores", ressalta Ohana.

Houve um aumento de 14,6% no item *Outros*, formado em sua maioria por empregadores. O incremento foi de quase 10 mil ocupações. Isto quer dizer que está crescendo o número de pessoas que montam seu próprio negócio.

O secretário Daniel Marques destacou, por exemplo, que só o programa de microcrédito do Creditrabalho financiou 4,1 mil projetos este ano, fazendo que essas pessoas se transformassem em donas de negócio. "Já emprestamos R$ 5 milhões e temos outros R$ 8 milhões para emprestar", disse.

Já o número de trabalhadores com carteira assinada cresceu 6,4% entre outubro de 2000 e outubro de 2001. No setor privado, hoje, 293,4 mil pessoas, num universo de 508,8 mil assalariados, têm carteira assinada. **(M.E.)**